

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ- REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

MULHERES DA VÁRZEA, UMA ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO
PROCESSO PRODUTIVO NA ILHA DO BAIXIO

BOLSISTA: CLEONICE OLIVEIRA DE ANDRADE- CNPQ

MANAUS
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ- REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL
PIB H- 0054/2012

MULHERES DA VÁRZEA, UMA ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO DAS
MULHERES NO PROCESSO PRODUTIVO NA ILHA DO BAIXIO

Bolsista: Cleonice Oliveira de Andrade- CNPq
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Kátia Helena Serafina Cruz Schweickardt

MANAUS
2013

RESUMO

A presente pesquisa é um sub-projeto do Projeto de Pesquisa “*Mulheres da Floresta: memória, território e políticas públicas nas várzeas do Amazonas*” e visa descrever, a partir da percepção das mulheres da Ilha do Baixo, como se dá a sua inserção no processo produtivo local e analisar as estratégias dessas mulheres, visando a compressão de processos de desenvolvimento mais sustentáveis a partir das mudanças sociais causadas com a implantação do Projeto de Assentamento Agroextrativista(PAE) pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

Dentro disso, nos propomos a descrever as principais atividades desenvolvidas pelas mulheres da Ilha do Baixo, a partir da dinâmica do seu cotidiano.

Identificar as formas de organização social, formais e informais existentes na Ilha do Baixo e analisar como se dá a participação das mulheres nessas organizações, assim como fazer uma análise da contribuição do grupo das mulheres unidas do Baixo no processo produtivo da Ilha.

Palavras Chave: várzea; processo produtivo; mulheres da floresta; projeto de assentamento agroextrativista.

LISTAS DE FIGURAS	5
LISTA DE SIGLAS	6
1. INTRODUÇÃO	7
2. REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1. A cultura da juta e malva	13
2.2 O processo produtivo da Ilha e a questão agrária	14
2.3 Assentamentos Rurais nas áreas de várzea	16
2.4 Gênero e produção na várzea	18
2.6 Festas na comunidade	20
2.7. A Ilha do Baixio e o Desenvolvimento Sustentável	22
3. RESULTADOS E APONTAMENTOS	24
3.1. Oficina de produção de sabão ecológico	25
3.2. Oficina de Pintura em panos de prato	25
3.3. Oficina de produção de pão caseiro	26
3.4. Oficina de produção de doces e compotas	27
3.5. Oficina sobre higiene e manipulação de alimentos	27
3.6. Oficina de pintura em juta	28
3.7. Oficina de pintura em camiseta com estêncil	28
3.8. Dinâmicas e visita a Manaus	29
3.9. I Seminário de Experiências Agroecológicas no Contexto Amazônico- UFAM	30
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1: Foto da oficina do sabão ecológico

Figuras 2 e 3: Foto da oficina de pintura em pano de prato

Figura 4: Foto da oficina do pão caseiro

Figuras 5 e 6: Foto da oficina de doces e compotas

Figura 7: Foto da oficina sobre higiene e manipulação de alimentos

Figura 8: Foto da oficina de pintura em juta

Figuras 9 e 10: oficina de pintura em camiseta com estêncil

Figuras 11 e 12: Foto das dinâmicas feitas na comunidade de Santa Luzia do Baixo

Figuras 13 e 14: Foto da visita das mulheres a Manaus

Figuras 15 e 16: Foto do I Seminário de Experiências Agroecológicas no Contexto Amazônico.

LISTA DE SIGLAS

CANAs- Colônias Agrícolas Nacionais

CAPAS- Centro de Apoio ao Pequeno agricultor

CNPq- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CMMA- Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente

DCS- Departamento de Ciências Sociais

ICHL- Instituto de Ciências Humanas e Letras

INCRA- Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IDAM- Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e florestal Sustentável do Estado do Amazonas

MEB- Movimento de Educação de Base

PAE- Projeto de Assentamento Agroextrativista

PDS- Projeto de Desenvolvimento Sustentável

PPGCASA- Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade da Amazônia

RDS- Reserva de Desenvolvimento Sustentável

SPU- Serviço de Patrimônio da União

STR- Sindicato de Trabalhadores Rurais

UFAM- Universidade Federal do Amazonas

1. INTRODUÇÃO

O presente projeto está vinculado a uma pesquisa mais abrangente intitulada “Mulheres da floresta: memória, território e políticas públicas nas várzeas do Amazonas”, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), coordenado pela Prof. Dra. Kátia Helena Serafina Cruz Schweickardt, do Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Amazonas (DSC/ ICHL – UFAM) que visa descrever, a partir da percepção das mulheres da Ilha do Baixo, como se dá a sua inserção no processo produtivo local e analisar as estratégias dessas mulheres, buscando entender como estas contribuem com o desenvolvimento sustentável local, visando a construção de processos de desenvolvimento mais sustentáveis a partir das mudanças sociais com a implantação do Projeto de Assentamento Agroextrativista pelo INCRA.

Segundo Vecchiatti (2004), o conceito de desenvolvimento sustentável surgiu somente na década de 1980 e foi consagrado em 1987 pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente – CMMA das Nações Unidas, conhecida como Comissão Brundtland, que produziu um relatório considerado básico:

Um processo de transformação no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional se harmonizam e reforçam o potencial presente e futuro [...] é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades (IBGE, 2002, pg.92).

Para o sociólogo Jacobi (1999), o conceito de desenvolvimento sustentável representa um importante avanço, na medida em que considera a complexa relação entre o desenvolvimento e o meio ambiente numa variedade de áreas.

Na Ilha do Baixo, observaram-se elementos concretos que nos aproximam desse conceito, a Ilha está localizada em um ambiente de várzea, que possui um regime fluvial caracterizado pela enchente/ vazante e cheia/ seca do rio Solimões. Desta forma, as águas começam a subir em novembro, atingindo o clímax de maio a junho, diminuindo a partir de agosto e atingindo o nível mínimo em outubro. Nesse período ocorre a retração das águas nas partes mais baixas da várzea, que normalmente ficam longe dos rios, esta retração cria lagos interiores que retém a fauna aquática em lagos que viabilizam e intensificam as atividades de caça e a pesca, tornando a região de várzea bastante produtiva (PORRO, 1995).

O adensamento demográfico na Ilha do Baixio iniciou-se em 1947 quando chegaram seus primeiros moradores, na época a principal atividade era a plantação de juta, mandioca, milho e feijão-de-praia, assim como a pesca e caça de jacaré para a comercialização do couro, que ajudava na renda das famílias. Com o passar do tempo mais pessoas foram chegando e a ilha foi adensando-se. Como eram devotos de Santa Luzia, em 1960 os comunitários passaram a organizar as novenas em honra a Santa e mais tarde construíram juntos com os comunitários a igreja de Santa Luzia, que hoje dá nome à comunidade formada na ilha.

Na década de 1970 surge o Movimento de Educação de Base (MEB), o Sindicato de Trabalhadores Rurais (STR) e a ACAR-AM que colaboraram como a organização comunitária. Em 1980 são criados a Unidade Agrícola, o Clube Mães, o Clube de Jovens, nesse ano comunidade formada na Ilha do Baixio passou a se chamar “Comunidade de Santa Luzia do Baixio”.

Quando fomos pela primeira vez à Ilha estava na época da seca, atravessamos na balsa até o Cacau Pirera que levou cerca de 45 minutos aproximadamente, passamos por debaixo da ponte até então em fase de construção, esperando o grande momento de sua inauguração, pois facilitaria o acesso ao Iranduba, mas logo ela se tornaria realidade, faltava muito pouco.

Chegando lá encontramos muito verde, como o campo de futebol, plantação de cebolinha entre outras hortaliças. Observamos também algumas casas, inclusive com ar condicionado. Foi totalmente diferente daquilo que eu imaginava, pois não sabia que a comunidade era tão organizada. É na época da seca que se inicia o plantio da agricultura na várzea amazônica.

A nossa primeira reunião com o grupo de mulheres foi na associação de moradores ou clubinho como elas costumam dizer. Estavam aproximadamente 16 mulheres, entre elas agricultoras, dona de casa e outras que trabalhavam na escola da comunidade como serviços gerais, merendeira, administração e professoras.

O grupo Mulheres Unidas do Baixio, surgiu em 2005, formado por mulheres da comunidade de Santa Luzia da Ilha do Baixio. Como é uma comunidade de várzea, que fica alagada por metade do ano e seca a outra metade, toda a vida e a dinâmica das relações de produção e sociais são influenciadas pela sazonalidade das águas.

O grupo nasceu para atender a uma necessidade das mulheres da Ilha de criarem um espaço próprio onde pudessem se reunir para discutir seus problemas peculiares em meio ao seu trabalho na roça, aos afazeres domésticos, além de produzir algo como

artesanato ou comidas, para serem vendidas e poderem obter uma renda alternativa para ajudar no orçamento doméstico.

Na Ilha do Baixio, assim como as demais ilhas da várzea do Rio Solimões, a principal atividade econômica é o cultivo de hortaliças, culturas de ciclo curto, possíveis de serem cultivadas no período de baixa das águas.

As moradoras mais antigas, dizem que as mulheres são as mais atuantes nas organizações locais, quer seja na Associação de Produtores, quer seja na comunidade, mas não ocupam posto de liderança na sua própria organização, incentivada por alguns políticos em épocas de campanha eleitoral, se ressentem de períodos de desarticulação em função das múltiplas atribuições e da falta de assessoria no processo de fortalecimento da sua organização social.

A compreensão de seu cotidiano, tecido por seus modos de vida, pode ajudar a entender aspectos fundamentais singulares dessas mulheres em seu território. Para Castro (apud Simonian (2001), a compreensão da concepção de territorialidade só pode ser percebida no interior das relações que estruturam e organizam a vida coletiva, e a reprodução social do grupo, a exemplo das mulheres da Ilha do Baixio que tem desempenhado historicamente papel fundamental para o desenvolvimento social e para as suas relações na Ilha.

Face a isso, muitos trabalhos relacionados às questões de gênero entre grupos sociais ligados ao campo no Brasil, estiveram voltados para a esfera do trabalho, visando compreender as inúmeras atividades desenvolvidas pela mulher no lar e nas pequenas propriedades agrícolas, como forma de torná-las visíveis e mais valorizadas (PAULILO & CYRINO, 2009).

Pensar uma dada realidade social a partir da Sociologia do gênero, mesmo que se constituindo num campo de investigação científico conflitivo e pouco consensual (Cyrino, 2009), vem cada vez mais ganhando legitimidade no espaço acadêmico. Autoras como Scott (1991) há muito defendem que o gênero é uma categoria analítica que estrutura o sistema perceptivo dos indivíduos e remete à organização concreta de toda vida social.

O discurso em torno da noção de desenvolvimento sustentável, a despeito de sua ambigüidade tem trazido à tona formas tradicionais de trabalho, agora tornadas visíveis com base numa economia de recursos naturais. Tratar de economia de grupos sociais da floresta pelo argumento da simplicidade é um reducionismo que mascara a complexidade de tais relações.

Uma análise mais cuidadosa das formas de cumprir um calendário agroextrativo, por parte das mulheres, dentro do qual se inclui a agricultura de mandioca e de outras raízes e frutos, a pesca, a caça, o manejo de espécies extrativas, coleta de sementes oleaginosas revelam formas de produção e de organização social interna complexa e singular do ponto de vista social e cultural.

Nessa perspectiva, segundo Schweichardt (2010), construir um olhar mais interrogativo sobre o conjunto dos atores sociais da floresta, no interior da Amazônia, dando especial destaque à voz e à percepção das mulheres no processo produtivo na comunidade de Santa Luzia, pode nos tornar capazes de captar outras relações lógicas que nos ajudem a compreender como esses atores conseguem reinventar cotidianamente práticas de cuidar da vida, em situação, na maior parte das vezes, extremamente difíceis.

Desse modo, o objetivo do presente projeto é descrever etnograficamente a participação das mulheres na construção das organizações sociais do PAE da Ilha, assim como suas atividades nos processos produtivos. Analisar as mudanças sociais causadas pela transformação da Ilha do Baixio em um projeto de Assentamento Agroextrativista de várzea através da percepção das mulheres que lá vivem.

Para atender a esses objetivos da pesquisa, temos utilizado métodos qualitativos, como a etnografia, que tem como principal preocupação realizar uma descrição densa dos sujeitos da pesquisa, seu modo de vida, suas relações sociais, especialmente aquelas que dizem respeito aos processos produtivos da Ilha, também foi utilizado os métodos de reconstrução da memória social, tomando a memória como uma maneira de construção coletiva sobre o passado feita a partir das construções sociais que o grupo vivencia no presente, ressaltando que existem pontos de contatos entre os relatos da memória, para que as lembranças possam ser reconstruídas sobre uma base comum.

Durante o período da pesquisa fizemos também o uso da observação de campo, buscando mapear os diferentes processos produtivos na Ilha do Baixio, nos quais as mulheres estão diretamente ou indiretamente envolvidas, a pesquisa bibliográfica e de documentos foi utilizada, porque é de fundamental importância em nosso trabalho.

A observação de campo foi de extrema importância para a realização desta pesquisa, pois através do *Grupo de Pesquisa Mulheres da Floresta: memória, território e políticas públicas nas várzeas do Amazonas*, com as oficinas e palestras realizadas pelo grupo, tivemos uma aproximação mais aceitável pelas pessoas que fazem parte naquela comunidade. Conseguimos fazer uma relação de amizade entre o pesquisador e

o pesquisado sem interferir na pesquisa, as pessoas iam criando confiança em nós, pois estávamos levando um pouco de nosso conhecimento para elas e vice-versa.

Durante o decorrer da pesquisa observou-se que cada ida que fazíamos à comunidade percebíamos que elas iam ganhando confiança no grupo contribuindo para que nossas oficinas e palestras fossem muito produtivas para elas e para nós também.

Quando fomos fazer nossa segunda visita de campo, fomos ganhando aos poucos a confiança das mulheres da comunidade, pois levamos para a comunidade nossa primeira oficina, com o tema “dia mundial do meio ambiente”, onde fizemos palestras com as crianças sobre a importância de preservar o lugar em que vivemos. Estavam presentes nessa reunião 23 mulheres da comunidade.

Em outro momento, fizemos também uma palestra sobre como fazer o sabão ecológico e as mulheres ficaram muito interessadas em aprender, porque além da economia no orçamento doméstico, ele também ajuda a preservar o meio ambiente, já que usa-se na receita o óleo usado de cozinha que não será jogado no rio .

Conversamos também com elas sobre a retomada do processo de organização do Grupo de Mulheres Unidas do Baixo, e elas se interessaram muito sobre o assunto. Pouco a pouco fomos conquistando a confiança das mulheres, foi nesse dia que conseguimos fazer nossa primeira entrevista.

Nessa primeira entrevista percebi o quanto é importante a agricultura na vida dessas pessoas, pois para a maioria é a única fonte de renda da família. A agricultura é praticada pelos membros da família, todos trabalham em união, elas cultivam várias espécies de frutas e hortaliças como: a cebolinha, couve, pepino, tomate, jerimum, maxixe, quiabo, feijão de corda, melancia entre outros que são tanto para venda como para consumo.

Muitas famílias possuem canteiros suspensos em suas casas, para o consumo na época da cheia, pois é nesse período que eles mais sofrem com a escassez das hortaliças e frutas.

A **etnografia**, segundo Erickson (1990), pode ser considerada como um processo deliberado de investigação guiado por um ponto vista. E tem como principal preocupação o significado das ações e os eventos dos atores ou grupos pesquisados relacionado na maioria das vezes à descrição da cultura. A tarefa do etnógrafo consiste na aproximação gradativa ao significado ou à compreensão dos interlocutores, isto é, de uma posição de estranho o etnógrafo vai compartilhando com eles os significados e criando o texto científico envolvendo a percepção dos atores envolvidos. Geertz (1989)

afirma que há três características da descrição etnográfica: ela é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o dito num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em forma compreensíveis.

No método de **reconstrução da memória social**, Halbwachs (1990), afirma que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. Ao mesmo tempo, a lembrança do passado informa o grupo sobre o seu presente, de forma que o passado e presente constroem-se mutuamente e são socialmente percebidos por meio de informações que um projeta sobre o outro.

A memória coletiva tem também um papel importante na construção da identidade do grupo. Os indivíduos se apresentam aos outros e enxergam a si mesmos tendo como referencial básico as suas origens, desenhadas a partir de uma memória compartilhada e transmitida através de gerações. Para Halbwachs, não há memória individual independente, a fonte de toda memória é coletiva, mesmo que possua uma natureza dialógica, negocial, conflitual e intertextual. Desse modo, a memória coletiva pode ser compreendida como a moldura cultural que define os parâmetros para a realização dos processos cognitivos da memória particular de cada indivíduo que dela participa (CONNERTON, 1993).

Sempre conjugada com entrevistas e leituras de relatórios elaborados pelos atores envolvidos, **a observação de campo** tem sido importante na realização dos objetivos visados com relação aos conflitos e processos de negociação. A pesquisa bibliográfica e de arquivo é especialmente produtiva nesta pesquisa, pois existem textos analíticos e relatórios produzidos por pesquisadores (das ciências naturais e sociais), gestores públicos (INCRA; SPU) e consultores e assessores, como os agentes da comissão Pastoral da Terra do Amazonas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. A cultura da juta e malva

Segundo algumas entrevistas que fiz com as mulheres da comunidade, elas relataram que na Ilha do Baixio nem sempre as pessoas viveram do cultivo das hortaliças. Num passado recente, elas cultivavam juta e malva. A cultura de juta e malva deu início com a imigração japonesa na Amazônia.

Segundo Homma (2010), a imigração japonesa no estado do Amazonas tem origem muito antes da data oficial de 18 de junho de 1908, com a chegada do navio Kasato Maru, no porto de Santos, cujo centenário foi comemorado em 2008.

Com a crise da borracha, a economia da Amazônia ficou, praticamente, estagnada no período de 1920 a 1940. Com outros produtos extrativos tentou-se reequacionar o desequilíbrio da economia, entre eles destacou-se a extração do óleo essencial de pau-rosa e a castanha-do-pará. Porém, nenhum desses produtos conseguiu recuperar a primazia da seringueira.

As atividades agrícolas e a população rural se distribuíram ao longo dos rios, onde o transporte fluvial era, e ainda é, o mais importante. A introdução da lavoura da juta marcou agricultura nas várzeas dos Estados do Amazonas e Pará, com o envolvimento de mais de 60 mil famílias, no seu auge na década de 1960. Outro aspecto da juta foi de provocar a valorização da malva, que era uma erva daninha cujas sementes ficam conservadas no solo por vários anos, a espera do momento oportuno para a germinação (HOMMA, 2010).

O sucesso da cultura da juta nas várzeas dos Estados do Amazonas e Pará trouxe uma prosperidade momentânea para os imigrantes japoneses e respeito por parte dos brasileiros. Ocorreu um rápido processo de democratização dessa cultura com a sua difusão feita pelos ribeirinhos amazonenses e paraenses (HOMMA ET AL 2011).

Porém, em razão da baixa lucratividade, e por ser altamente intensiva a mão de obra e por ter um processo de trabalho extremamente perigoso, com muitos transtornos, principalmente para a saúde dos trabalhadores, aos poucos esses trabalhadores da juta foram deixando a atividade. Algumas mulheres relataram que até hoje sofrem com as consequências do trabalho da juta e malva, pois elas disseram que era um trabalho muito pesado, pois trabalhavam o tempo todo dentro d'água, e com o passar do tempo elas acabavam adoecendo.

Com o surgimento da agricultura por volta dos anos de 1980, a atividade de plantação de juta é substituída pela plantação de hortaliças como couve, repolho, alface, tomate, pimentão, pepino, feijão-de-corda, cebolinha, melancia, dentre outros, que ainda hoje representam a maior fonte de renda da população, merecendo inclusive a criação da Festa das Hortaliças, uma festa anual que já está em sua VI edição, e onde as hortaliças ganham lugar destaque e indicam sua importância para os moradores locais.

Segundo alguns relatos dos comunitários, todos ficaram muito felizes, pois cada um podia fazer seu próprio roçado contribuindo assim com a renda da família e para seu próprio consumo. Eles vendem como principal produto a melancia, mas também as hortaliças em geral.

2.2 O processo produtivo da Ilha e a questão agrária

Na nossa primeira visita de campo, a professora Kátia Schweickardt apresentou as linhas gerais do projeto e falou também da relevância de estudos a partir da percepção das mulheres acerca da atuação do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA – na realidade da várzea. Ela relatou um pouco de sua experiência vivenciada com as mulheres seringueiras do Juruá.

Na apresentação do projeto para as mulheres da comunidade, a professora aproveitou para dar sua contribuição acerca da questão agrária no Estado do Amazonas, a jurisdição das terras do Estado e da parceria entre INCRA e o Serviço de Patrimônio da União – SPU – na criação do PAE na Ilha do Baixio. A maioria das mulheres que estavam presentes naquela reunião não souberam dar muitas informações sobre os órgãos.

Historicamente, a orientação das políticas governamentais se fez no sentido do uso intensivo da terra e dos recursos naturais. Tanto os empreendimentos agropecuários, quanto os projetos convencionais de assentamento de pequenos produtores, meta fundamental das políticas executadas pelo INCRA na Amazônia entre a década de 1970 e o final da década de 1990, foram desenhados a partir do modelo de uso intensivo dos recursos naturais, sobretudo florestas, solo e água (Schweickardt, 2011).

A Amazônia, que abriga imensa bacia hidrográfica, ainda hoje expõe, nas calhas de seus rios, uma diversidade de modos de vida, relacionados não apenas ao uso e posse das áreas de terra firme, mas

também ao uso e as formas de domínio sobre as áreas de várzeas (Fraxe, 2000; Lima, 2005; Witkoski 2007) e sobre as águas nas quais seus habitantes praticam invariavelmente a pesca, conjugada de vários modos a outras atividades econômicas. Não só em terra firme, mas também nas áreas de várzeas e sobre as águas, constroem seus caminhos, suas casas e escolas flutuantes (Schweickardt, 2011, p. 186).

Segundo Schweickardt (2011), a idéia subjacente a toda a estratégia de territorialização que já vinha sendo posta em prática desde os anos de 1930, com a implantação das Colônias Agrícolas Nacionais (CANAs) e passou a ser sistematicamente implantada a partir do governos militares, era a de converter a natureza pensada como improdutivo de uma região imaginada como demograficamente vazia e economicamente desintegrada do resto do país, convertendo-a em áreas produtivas voltadas para o mercado.

A Amazônia começava a se transformar num “imenso laboratório de políticas e projetos que, de uma forma ou de outra, tentam compatibilizar a presença dos habitantes com algum tipo de medidas visando a conservação dos ecossistemas em que vivem” (Esterci, 2002). Segundo esta autora, a implementação desses projetos e políticas levou a demarcação de uns espaços, a redefinição e reclassificação de outros, assim como a reclassificação dos próprios segmentos sociais afetados (Schweickardt apud, 2011).

Partilhando do conceito de Leite Lopes (2004), poderíamos caracterizar este processo como a “ambientalização” da gestão territorial na Amazônia. Mais que a definição de um fenômeno moderno, o conceito diz respeito, entre outras coisas, ao modo como os diversos atores (trabalhadores, empresários) e, sobretudo o Estado e suas agências, passam a utilizar a questão ambiental como repertório de expressão de seus interesses e reivindicações (Schweickardt, 2010, p.310)

Segundo Schweickardt (2010), o INCRA se espelhando em outra categoria de unidade de conservação, criou uma modalidade de Assentamento voltado para o “desenvolvimento sustentável”, o Projeto de Desenvolvimento Sustentável-PDS, num paralelo com a Reserva de Desenvolvimento Sustentável-RDS. O primeiro criado no

Brasil e no Estado do Amazonas, o PDS Morena, no município de Presidente Figueiredo. Só que diferente da RDS, o PDS visava ser um meio termo entre o Projeto de Assentamento convencional, onde se tinha a formação do assentamento com populações de diferentes procedências e o loteamento individual, e o Projeto Agro-Extrativista onde a população, preferencialmente, seria local, com experiência na atividade extrativista e no uso coletivo da terra.

2.3 Assentamentos Rurais nas áreas de várzea

Atualmente a população da Ilha está estimada em 450 pessoas distribuídas em 115 famílias. A festa religiosa mais tradicional da Ilha do Baixio é a festa da padroeira Santa Luzia realizada em Dezembro, esta atrai devotos e muitos turistas. A Festa das Hortaliças também se destaca, esta acontece nos meses de novembro. Em 2007, a localidade passou a integrar um Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE), criado a partir da Portaria 065 de 10 de dezembro de 2007 do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), que trouxe consigo diversos elementos para o processo de formação da identidade cultural da população local.

O INCRA trouxe muitos benefícios para muitas famílias, segundo relatos de alguns moradores da Ilha, um exemplo que elas citam é que muitas famílias moravam juntas. Agora, com o Projeto filhos casados já tem sua casa própria, com exceção de alguns que não conseguiram segundo elas, porque tem renda fixa como aposentadoria, ou trabalha com remuneração. Mas para a maioria que vive só da agricultura, a casa do INCRA foi um apoio importante. As mulheres entrevistadas também não souberam informar quanto tempo levariam para pagar essas casas e nem sabiam quanto elas custavam. Essas casas são construídas em madeira, mas são bem feitas, a estrutura é feita para área de várzea, muitas delas com ar condicionado, uma visão diferente daquilo que imaginava que tinha na comunidade.

Reforma agrária e Assentamentos são expressões habitualmente usadas com o mesmo significado. Fica difícil estabelecer onde uma se insere na outra, onde uma começa e a outra termina. Uma possível distinção de ordem prática está em considerar a reforma agrária como regularização fundiária, no sentido de torná-la mais equânime. Já o assentamento compreenderia, basicamente, as ações de natureza prática que se iniciaria com a seleção dos beneficiários da reforma agrária e se encerraria no momento em que eles tomassem posse do lote que lhes tenha sido destinados (PALMEIRA, 1994).

Como a maioria das autarquias federais, sobretudo as originadas da ditadura militar, o INCRA, até o final da década de 1990, teve o poder de definição de suas políticas concentrado na administração central, em Brasília ignorou os particularismos regionais e se impôs ao planejamento estadual e municipal. Tratava-se de preparar as condições para a empresa capitalista (Schweichardt, 2011).

A partir dos anos de 1980, no entanto, ficou evidente o fracasso dos grandes projetos agropecuários, com base no modelo desenvolvimentista na região, e o Estado retirou, então, o “suporte ou incentivo a agropecuária regional para otimizar os resultados globais da produção” (Costa, 2000), o que, de certa forma, veio ao encontro das preocupações ambientais com a Região, que já começavam a despontar (apud, Schweichardt 2011. p.187).

Na fase de assentamento ocorre, às vezes, uma relação de “estranheza” com a terra que é atribuída aos assentados. Ao ser cadastrada, a família de trabalhadores rurais passa a sujeitar-se a uma série de regras fixadas para ela e não por ela. A escolha das culturas, a construção da moradia e da agrovila, a forma de se explorar a terra são colocadas pelos “outros”. O fato de terem postos como iguais no momento da luta não significa necessariamente sua disposição de estruturar-se coletivamente para a organização social da produção, mesmo porque a perspectiva de construção de uma coletividade rural de produtores em cooperação não é necessariamente produto da vontade dos trabalhadores, resposta a uma decisão de modelo cooperativo forjado nas instâncias do poder (FERRANTE, 1994).

Em termos de política fundiária, as áreas de várzeas estão sob jurisdição do Serviço de Patrimônio da União- SPU, a quem caberia arrecadar as chamadas “terras devolutas” e matriculá-las em nome da União concedendo o usufruto aos moradores, segundo restrições em virtude da fragilidade ecológica daquele ecossistema (Schweickardt, 2010).

Como a representação de tal ente da federação no Amazonas não dispõe de quadro técnico suficiente para atuar na regularização fundiária das imensas faixas de várzea do Estado do Amazonas e nem se dispõe de recursos orçamentários e financeiros para trabalhar com tais populações, por iniciativa dos gestores orçamentárias e

financeiros para trabalhar com tais populações, por iniciativa dos gestores dos dois órgãos federais, SPU e INCRA, no Amazonas, foi firmado um Acordo de Cooperação Técnica para que o INCRA pudesse atuar nas referidas áreas de várzea com os recursos do programa nacional de reforma agrária (Schweickardt, 2010).

Desse modo, a Ilha do Baixio foi transformada no Projeto de Assentamento Agroextrativista da Ilha do Baixio e seus moradores da várzea tornaram-se assentados do INCRA.

2.4 Gênero e produção na várzea

Na categoria “trabalho”, seja ele remunerado ou não, sempre se mostrou relevante para o pensamento feminista. Considerar trabalho as inúmeras atividades desenvolvidas pela mulher no lar e nas pequenas propriedades agrícolas, foi uma forma de torná-las visíveis e mais valorizadas. Quanto ao trabalho remunerado, ele foi considerado fundamental, pois em uma sociedade em que tudo se compra o acesso da mulher a alguma forma de renda própria poderia torná-la mais independente do marido e mais participante nas decisões que envolvem tanto o grupo doméstico como a sociedade mais ampla.

Quatro décadas de feminismo não diminuíram a importância dessa categoria. É ela que está no cerne de uma das principais conquistas dos movimentos de mulheres agricultoras, que junto com outros movimentos sociais ligados ao campo, lutou para que as esposas envolvidas na produção agrícola familiar fossem consideradas “produtoras rurais” e não “do lar” (PAULILO, 2009).

Na história recente da Amazônia, muito se tem falado sobre a importância feminina nos processos de desenvolvimento. De fato, além de sua colaboração fundamental, em termos do processo de reprodução social e biológica, a contribuição das mulheres nos processos de produção agrícola, extrativista e artesanal local tem sido largamente relevada, especialmente entre mulheres indígenas (Chernela, 1986, Ravena, 1996, Velthem, 1995) e entre as extrativistas (Simonian, 2001; Almeida, 1995) (Schweickardt apud, 2010).

Durante o período da pesquisa pude observar que as mulheres da comunidade procuram participar de todas as atividades, elas são donas de casa, trabalham na

agricultura, na escola, outras são aposentadas, mas não deixam de dar sua contribuição para ajudar a comunidade a se desenvolver cada vez mais, não esquecendo também, a grande contribuição e união dessas mulheres nas organizações das festas sociais da comunidade.

Nos últimos anos, tem crescido o reconhecimento da participação de mulheres, seja na esfera do trabalho, seja na esfera política. A Conferência de Beijing, promovida pela ONU em 1995 foi transformada, segundo alguns autores (Abramovay, Lerner, 1995), em um marco importante para os avanços teóricos, mesmo setores importantes da sociedade em geral ainda resistam em confirmar na prática as resoluções acordadas (SIMONIAN, 2001).

Na comunidade pesquisada, o processo de produção na várzea tem participação das mulheres no cultivo das hortaliças, elas também têm canteiros suspensos com suas plantações de cebolinhas, couve, alface entre outros, para o consumo da família na época da cheia, pois toda a produção é retirada antes da chegada da enchente para a venda e também para o consumo.

Durante nossa pesquisa, realizamos várias oficinas com as mulheres. Essas oficinas são uma contrapartida do Projeto de Pesquisa e Extensão coordenado pela Prof. Kátia junto às mulheres da Ilha. Dentre essas, teve destaque a oficina de preparação e armazenamento de doces caseiros, onde elas se interessaram muito, porque a produção de melancia, jerimum e outras frutas chegam a estragar além de possibilitar a geração de uma renda extra com a comercialização dos doces.

No dia da oficina de doces de melancia e jerimum, antes de começar as aulas, o professor Lamarão que é engenheiro de alimentos da Universidade do Amazonas, fez uma palestra sobre a higiene e manipulação de alimentos, pois segundo ele, trabalhar com alimentos, também é ter cuidado com a saúde. Para a maioria das mulheres, essa era a primeira vez que estavam lidando com doces de melancia e jerimum.

Aquela palestra foi de fundamental importância para todos que estavam presente, pois muitas coisas sobre os alimentos foram aprendidas naquele dia. O Professor Lamarão passou uns slides para as mulheres presentes sobre como os alimentos podem estar contaminados por bactérias que mal podemos imaginar que existiria. Antes de começarmos a fazer os doces, o professor disse que tínhamos que limpar bem o local onde ia ser preparado os alimentos, então limpamos bem o local e seguida começamos a fazer os doces. O grupo foi dividido em três equipes o grupo de doce da polpa da melancia, o grupo do doce da casca da melancia, e o grupo do doce de

jerimum. Todos ajudaram na preparação dos doces, e o resultado final foi muito bom, tanto que não sobrou nada dos doces que preparamos como primeira experiência.

Esses doces, elas poderão aperfeiçoar, e fazer para vender na Festa das Hortaliças, momento muito valorizado na vida social da comunidade, com potes devidamente higienizados e personalizados, elas gostaram muito da idéia, pois seriam mais um meio delas contribuírem com uma renda extra para ajudar na família. Ficamos de voltar novamente com a oficina dos doces para elas aprenderem a fazer outros tipos de doces como o doce de goiaba e o doce de caju.

Em outro momento da pesquisa realizamos a oficina de pintura em juta e malva, com o objetivo de intensificar a produção de bolsas e tapetes de juta, para posterior comercialização, onde foram trabalhados elementos técnicos da pintura em juta. Observa-se que posteriormente serão feitas oficinas de costura e confecção de bolsas e tapetes em Juta.

2.6 Festas na comunidade

A Ilha do Baixio realiza algumas festas importantes na comunidade, são elas: Copa Baixio de Futebol de Campo que é realizada de janeiro a abril, a Festa das Hortaliças que geralmente acontece entre os meses de novembro ou dezembro. Sendo uma das principais festas que a comunidade realiza, ela já está no seu sexto ano e a cada ano que passa ela leva mais turistas para a comunidade. Esta festa mobiliza toda a comunidade, entre homens, mulheres e crianças, todos participam ativamente para que tudo ocorra bem no dia da grande festa. Outra festa também importante é a festa da padroeira da Ilha do Baixio que é a festa de Santa Luzia que acontece no mês de dezembro, com a realização de um Arraial durante toda uma semana.

As mulheres ficam encarregadas com os serviços da cozinha e as também colaraboram com ornamentação da Ilha, e elas preparam suas mudas de plantas medicinais e também mudas de hortaliças para serem vendidas na festa, os homens ficam com a parte mais pesada, como construir as barracas e os serviços mais pesados, os jovens ficam responsáveis pelas maquetes da comunidade.

Como a maioria dos moradores da comunidade é católica, a festa destina-se em prol da construção da Igreja. A festa é bastante divulgada pela imprensa e leva milhares de pessoas à comunidade, sobretudo agora com o término da construção da ponte, que liga Manaus à Iranduba e vice-versa, que tornou mais rápido o acesso à comunidade.

No primeiro semestre da pesquisa, fizemos várias oficinas incentivando as mulheres da comunidade a reativar o Grupo de Mulheres Unidas do Baixio, e também para que elas tenham uma renda a mais para contribuir com a família, não só na época das festas, como também todos os dias do ano.

Nossa primeira oficina foi sobre a fabricação do sabão ecológico, elas prestaram muita atenção na palestra da professora Rosa, pois além na economia no orçamento doméstico, elas estariam ajudando o meio ambiente, porque o sabão ecológico é feito do óleo de cozinha usado, e assim esse resíduo não seria jogado no rio, poluindo o ambiente. Ao mesmo tempo, elas estariam economizando, porque o sabão ecológico sai por um preço acessível para todas e tem ótimo rendimento.

Depois do sabão ecológico, fizemos a oficina de pintura em pano de pratos, e elas chegaram até a se surpreender com os seus talentos artísticos, pois muitas diziam que não sabiam desenhar nada e muito menos pintar, elas se dedicaram muito na oficina. Aprenderam as técnicas de pintura em pano de pratos, e no final saíram panos de prato muito lindos, deixando-as alegres e orgulhosas com seus trabalhos. Esse trabalho também poderia gerar uma renda extra para elas, pois poderiam personalizar esses panos e vender nas festas e até mesmo em outra ocasião.

Outra oficina que as mulheres gostaram muito foi a oficina do pão caseiro, pois também ele traz economia para a família, além de ser muito nutritivo, elas poderiam fazer o pão para o consumo da família e para venda, elas gostaram muito da ideia e falaram que iam continuar fazendo o pão caseiro.

A oficina dos doces foi muito proveitosa para elas, porque estragava muito as melancias e jerimuns, justamente o professor Lamarão fez os doces de melancia, jerimum, elas aprovaram os doces, eles também poderiam ser feitos para o consumo e venda, elas pediram para ser feitas mais oficinas de outras frutas e nós pretendemos fazer outras para o próximo semestre. Todas ficaram muito felizes com as nossas oficinas e palestras, elas falaram que aprenderam muito conosco e nós aprendemos também com elas. Todas essas oficinas e palestras foram realizadas na escola da comunidade.

2.7. A Ilha do Baixio e o Desenvolvimento Sustentável

Para Schweickardt discurso em torno da noção de desenvolvimento sustentável, a despeito de sua ambiguidade tem trazido à tona formas tradicionais e trabalho, agora tornadas visíveis com base numa economia de recursos naturais. Tratar a economia de grupos sociais da floresta pelo argumento da simplicidade é um reducionismo que mascara a complexidade de tais relações. Uma análise mais cuidadosa das formas de cumprir um calendário agroextrativo, por parte das mulheres, dentro do qual se inclui a agricultura da mandioca e de outras raízes e frutos, a pesca e a caça, o manejo de espécies extrativas, coleta de sementes oleaginosas revelam formas de produção e de organização social interna complexas e singulares do ponto de vista social e cultural.

As oficinas realizadas na comunidade ajudaram muito as mulheres a compreenderem que preservar o lugar onde moramos é importante. Na oficina sobre o dia mundial do meio ambiente que foi realizada em junho de 2011, não só as mulheres como também as crianças da comunidade participaram das palestras.

A professora Kátia iniciou sua palestra sobre o dia mundial do meio ambiente explicando para as crianças como surgiu o dia mundial do meio ambiente e como é importante não só para os seres humanos como também para os animais a preservação do ambiente em que vivemos. Em seguida a professora Josane fez sua palestra com o tema “florestas: a natureza a seu serviço”, ela fala sobre a questão do lixo, a importância sobre a separação do lixo, como podemos conviver com o lixo sem degradar o meio ambiente, todos se interessaram muito pela palestra da professora Josane.

A palestra da professora Thelma foi sobre a reciclagem, ela falou sobre as várias maneiras de se reciclar o lixo que consumimos no dia-a-dia como as garrafas pet, principalmente ensinando as crianças a não jogar as garrafinhas no rio, ela também ensinou sobre a reciclagem de outros objetos como as latinhas de refrigerante e suas tampinhas e as latas de leite e de outras latas também. Ela ensinou que com a reciclagem podemos diminuir a poluição do solo, da água e do ar, melhora a limpeza da cidade, a qualidade de vida da população, gera empregos para a população, entre outros benefícios.

A palestra da professora Rosa foi sobre o sabão ecológico, uma boa alternativa para preservar o meio ambiente. Ela falou da importância da preservação do meio ambiente, não jogando mais o óleo usado no rio, e sim juntar o óleo usado para a

fabricação do sabão ecológico, ele é simples de fazer, é de pouco custo e rende bastante, todos ficaram bastante interessados na fabricação do sabão ecológico.

Logo após a palestra fizemos interação com as crianças, a equipe improvisou uma dança com elas, foi a dança da cobra, elas se divertiram, em seguida a professora Telma dividiu a equipe para ficar responsável para contar historinhas sempre relacionadas com o meio ambiente para as crianças, depois de lermos as historinhas para elas, cada uma tinha que fazer catazes e frases representando o que podemos fazer para melhorar o ambiente em que vivemos. Todas participaram felizes e entenderam direitinho o recado.

O desenvolvimento sustentável que hoje o que mais se houve falar no momento, ainda deixa muito a desejar, só se houve falar, mas a maioria das pessoas não se preocupa em saber o que realmente significa o tão falado “desenvolvimento sustentável”, principalmente quando se fala em Amazônia todos falam em preservação, desenvolvimento, mas não cumprem o que realmente se propõe a fazer, que é o progresso sem degradação para o meio o ambiente e para as futuras gerações.

3. RESULTADOS E APONTAMENTOS

Durante a realização da pesquisa na Ilha do Baixio, realizamos várias entrevistas com as pessoas daquela comunidade, mas o foco principal era as mulheres, através do grupo de pesquisa, “*Mulheres da Floresta: memória, território e políticas públicas nas várzeas do Amazonas*” nossa aproximação com as mulheres da comunidade se tornou mais fácil.

Durante a realização da pesquisa, a visita de campo foi de extrema importância para conseguimos fazer várias entrevistas, interagir com elas nas oficinas, pois aos poucos íamos ganhando a confiança delas.

Nossa primeira visita de campo foi com as mulheres e algumas lideranças da comunidade, e foi de fundamental importância para o grupo, pois foi feita uma apresentação para elas com o objetivo de apresentar as linhas gerais do projeto e falar da relevância de estudos a partir da percepção das mulheres para a produção de novas perspectivas acerca dos projetos (como o do INCRA) e da realidade da várzea.

Na segunda visita foi no dia Mundial do Meio Ambiente, a palestra aconteceu na escola da comunidade, e teve as crianças participando ativamente e interagindo com o grupo.

As oficinas para elas foram muito importantes, pois, segundo elas não tinham outro rendimento extra para ajudar no sustento da família durante a época da cheia. Nossa primeira oficina foi sobre a produção do sabão ecológico.

3.1. Oficina de produção de sabão ecológico

O objetivo dessa oficina era capacitar as mulheres para a fabricação do sabão ecológico, conscientizando-as sobre a questão ambiental, pois uma vez que o sabão é feito de maneira artesanal, e com o aproveitamento do óleo de cozinha já utilizado por elas, assim o aproveitamento do óleo na fabricação do sabão ajudaria o meio ambiente não poluindo o rio. Elas conseguiriam economizar fazendo o sabão para uso próprio e ao mesmo tempo ajudando o meio ambiente.



Figura 1: oficina do sabão ecológico, comunidade de Santa Luzia do Baixio
Foto: Ana Bocchini, julho de 2011.

3.2. Oficina de Pintura em panos de prato

O principal objetivo dessa oficina era fazer com que as mulheres pudessem criar a partir da oficina peças para comercialização em festas e feiras que participam e organizam, principalmente nas festas das hortaliças.

Conseguimos reunir nesta oficina 25 mulheres, pois já foi um número razoável em relação a primeira, elas ficaram muito felizes com o resultado obtido nessa oficina. Esta oficina foi realizada em duas etapas.



Figuras 2 e 3: Oficina de pintura em pano de prato: 1 e 2 etapas, Comunidade de Santa Luzia do Baixio
Foto: Diego Costa de Oliveira, setembro, 2011.

3.3. Oficina de produção de pão caseiro

Essa oficina teve como finalidade capacitar as mulheres na fabricação de pão caseiro e geração de renda alternativa com a venda dos pães, pois os pães sairiam por custo baixo para a preparação.



Figura 4: Oficina do pão caseiro, comunidade de Santa Luzia da Ilha do Baixio
Foto: Diego da Costa Oliveira, outubro de 2011.

3.4. Oficina de produção de doces e compotas

Essa atividade buscou capacitar as mulheres na produção de doces e compotas de frutas da localidade, pois algumas frutas como a melancia que é uma das principais produção na Ilha, acabavam estragando por não conseguirem vender toda a produção, com também o jerimum. Assim sendo foram trabalhadas os doces e compotas de melancia, jerimum e outras frutas.



Figuras 5 e 6: Oficina de doces e compotas, comunidade de Santa Luzia da Ilha do Baixio
Foto: Ana Bocchini, dezembro, 2011.

3.5. Oficina sobre higiene e manipulação de alimentos

O principal objetivo dessa oficina foi capacitar as mulheres para manipulação correta dos alimentos, tanto para produção como para conservação correta dos alimentos, de uma forma mais saudável.



Figura 7: Oficina sobre higiene e manipulação de alimentos, comunidade de Santa Luzia do Baixio.

Foto: Diego da Costa Oliveira, fevereiro de 2012.

3.6. Oficina de pintura em juta

O objetivo dessa oficina era trabalhar pintura em juta, essa oficina também foi feita em duas etapas, foram feitos tapetes e bolsa com pinturas em juta, essas bolsas e tapetes foram posteriormente vendidos na exposição da Ufam, como também algumas verduras e legumes da Ilha.



Figura 8: oficina de pintura em juta, Comunidade de Santa Luzia do Baixio
Foto: Cleonice Oliveira de Andrade, abril de 2012.

3.7. Oficina de pintura em camiseta com estêncil

Esta oficina teve com finalidade aprimorar mais o que elas aprenderam com as outras oficinas de pintura, e também para venda dessas camisetas na festa das hortaliças, desta vez elas estavam sentindo mais segurança nas pinturas, pois elas já estavam mais descontraídas, tinham mais ideias sobre o que elas iam pintar. Ao final da oficina todas ficaram muito satisfeitas com o resultado obtido. Essa oficina também foi dividida em duas etapas.



Figuras 9 e 10: Oficina de pintura em camiseta com estêncil, comunidade de Santa Luzia do Baixio

Foto: Gilmara Arouca, agosto de 2012.

3.8. Dinâmicas e visita a Manaus

Além das oficinas também fizemos dinâmicas com as mulheres, essas dinâmicas fizeram com nos aproximassem mais. Conseguimos também fazer com que elas viessem para Manaus, isso aconteceu na grande cheia de 2012, não tínhamos mais espaços para a realização das oficinas, tudo estava alagado, porém não sendo possível a realização das oficinas na Ilha, fizemos o possível para trazê-las para Manaus, e foi uma experiência muito importante para a maioria delas, porque as que já conheciam Manaus, nunca tiveram a oportunidade de conhecer o teatro Amazonas, o Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA) e Universidade Federal do Amazonas (UFAM).



Figuras 11 e 12: Dinâmicas feitas na Comunidade de Santa Luzia do Baixio

Foto: Diego da Costa de Oliveira, julho de 2012.



Figuras 13 e 14: Visita das mulheres a Manaus- Cidade de Manaus-AM
Foto: Diego da Costa Oliveira, junho de 2012.

3.9. I Seminário de Experiências Agroecológicas no Contexto Amazônico- UFAM

Esse seminário foi muito importante para elas, porque puderam levar seus trabalhos para outras pessoas conhecerem um pouco do estavam realizando na comunidade, ou seja, o que elas aprenderam nas oficinas de pintura, principalmente a oficina em pintura em juta, onde foram confeccionadas bolsas e tapetes, a exposição foi um sucesso de venda entre os visitantes do seminário.



Figuras 15 e 16: I Seminário de Experiências Agroecológicas no Contexto Amazônico-UFAM- Manaus-AM.

Fotos: Kátia Schweickardt, junho de 2012.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao dar continuidade ao projeto de pesquisa, e ao analisar a participação das mulheres no processo produtivo da Ilha do Baixio, a partir da percepção delas, conclui-se que as mulheres da ilha participam ativamente das atividades da comunidade. Participam tanto nos serviços domésticos como também na agricultura, no cultivo das hortaliças, contribuindo assim para o sustento da família, pois essas hortaliças são tanto para a venda como para o consumo. Além da produção, elas participam das atividades sociais da comunidade. O Grupo de Mulheres Unidas do Baixio, que até o início da pesquisa estava desativado, vem num processo crescente de retomada. Através do Grupo, as mulheres vêm tentando reunir-se para colocar suas ideias em prática, e ter uma renda extra para ajudar no sustento da família através de oficinas realizadas pelo projeto de extensão **“Mulheres Unidas da Ilha do Baixio: gênero e sustentabilidade na Amazônia”**.

Essas oficinas também tem possibilitado o encontro dessas mulheres entre si e com seus dilemas e experiências comuns de modo a fomentar sua organização social e sua inserção mais qualificada na realidade da Ilha a partir da criação do Projeto de Assentamento Agroextrativista. Por ser uma área de várzea, ecossistema rico, porém frágil do bioma amazônico, o projeto também tem buscado contribuir com o fortalecimento da consciência em torno da conservação ambiental e da construção de estratégias participativas de desenvolvimento sustentável onde as mulheres possam atuar e ser reconhecidas como protagonistas.

Ao longo das entrevistas realizadas com as mulheres, muitas relataram que somente com o cultivo das hortaliças, suas famílias não chegam a ter renda mensal de um salário mínimo, e que na época da cheia elas passam por dificuldades financeiras.

Com a implantação do Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE) do INCRA, segundo algumas entrevistas realizadas com as mulheres da comunidade, elas relataram que o mesmo trouxe benefícios para muitas famílias, como por exemplo, casa própria para filhos casados e demais parentes que moravam juntos. As casas são em madeira feitas para área de várzea.

Assim sendo, conclui-se que as mulheres vêm ganhando voz nos processos de desenvolvimento mais sustentáveis a partir das mudanças sociais ocorridas na comunidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYRES, Márcio. **As matas de várzea de Mamirauá**: Médio Rio Solimões, Brasília, DF: CNPq: Sociedade Civil Mamirauá, 1993.

CONNERTON, P. **Como as sociedades recordam**. Oeiras: Celta Editora, 1993.

CIRYNO, Rafaela. Trabalho, temporalidade e representações sociais de gênero: uma análise da articulação entre o trabalho doméstico e assalariado. In: **sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan/jun, 2009, p. 66-92.

ERICKSON, F. Qualitative Methods in Research on Teaching. In: M. C. Wittrock, **Handbook of Research on Teaching**, 3. Macmillan Publishing Company, 1990: 119-158.

FERRANTE, Vera Lúcia. Diretrizes Políticas dos mediadores: reflexões de pesquisas. IN: Leonildes Medeiros (Org). **Assentamentos rurais: uma visão multidisciplinar/organizadores**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994- (Prisma). p.127-130.

FRAXE. Therezinha J.P. **Homens Anfíbios**: etnografia de um campesinato das águas. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Governo do Estado do Ceará, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos, 1989.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOMMA, A cultura de juta e malva na Amazônia: sementes de uma nova racionalidade ambiental? IN: WITKOSCKI, Antônio Carlos, FERREIRA, Aldenor da

Silva, HOMMA, Alfredo Kingo Oyama, FRAXE, Terezinha (Orgs). **A imigração japonesa no estado do Amazonas: a expansão da juta no médio e baixo Solimões.** São Paulo: Annablune, 2010. p.39-41.

HOMMA, Alfredo Kingo. A imigração japonesa na Amazônia: contribuição na agricultura e vínculo com o desenvolvimento regional. IN: HOMMA ET AL (Orgs). **Contribuição na Agricultura e Vínculo com o Desenvolvimento Regional.** Introdução. Manaus: Edua, 2011.p. 27-30

PALMEIRA, Moacir. Burocracia, política e reforma agrária. IN: Leonildes Medeiros (Org). **Assentamentos rurais: uma visão multidisciplinar/Organizadores.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994.p.49-52.

PAULILO, Maria Ignez S. Movimentos das mulheres agricultoras e os muitos sentidos da “igualdade de gênero”. In: MAÇANO, Bernardo; MEDEIROS, Leonilde S.; PAULILO, Maria Ignez (org.) **Lutas Camponesas Contemporâneas: condições, dilemas e conquistas.** Vol.2. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

SCHWEICKARDT, Kátia Helena S.C. **Projeto de Pesquisa Mulheres da Floresta: Memória, território e políticas públicas nas várzeas do Amazonas.** Manaus: UFAM/CNPq, 2010.

SCHWEICKARDT, Kátia Helena S.C. Estratégias e territorialização na Amazônia contemporânea a partir dos parâmetros ambientais. In: OLIVEIRA, José Ademir (org.) **Espaços Urbanos na Amazônia: Visões geográficas.** Manaus. Valer, 2011.